
Jornalismo ambiental e com perspectiva de gênero: diálogos para uma prática ecofeminista¹

Alíria Priscilla dos Santos ARISTIDES²

Katarini Giroldo MIGUEL³

Universidade Federal De Mato Grosso Do Sul, Campo Grande, MS

Resumo

O presente trabalho se origina de uma pesquisa de mestrado ainda em fase inicial e busca discutir as aproximações entre o jornalismo ambiental e com perspectiva de gênero na tentativa de corporificar uma proposta de jornalismo ecofeminista. O ecofeminismo sintetiza o conjunto de práxis e conceitos originado da aproximação entre as perspectivas ambientalista e feminista, partindo do pressuposto que ambas possuem diversos enfrentamentos e potencialidades em comum. Para melhor compreender esses diálogos, apresentamos uma breve discussão sobre os pressupostos que caracterizam o jornalismo ambiental e com perspectiva de gênero, seguida de exemplos extraídos de reportagens do Portal *Modifica*, site que se auto identifica como uma mídia independente com enfoque em jornalismo ecofeminista.

Palavras-chave

Jornalismo ambiental; jornalismo com perspectiva de gênero; ecofeminismo

Introdução

Neste artigo, buscamos discutir as aproximações entre o jornalismo ambiental e com perspectiva de gênero, que podem corporificar uma proposta de jornalismo ecofeminista. O termo ecofeminismo é utilizado para articular as perspectivas ambientalista e feminista, partindo do pressuposto que ambas possuem diversos enfrentamentos e potencialidades em comum (BEZERRA, 2020).

A investigação acerca do jornalismo ecofeminista e das suas características, o que inclui seus pontos de contato com o jornalismo ambiental e com perspectiva de gênero, advém da proposta de pesquisa que desenvolvemos, ainda em fase inicial, no

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFMS, bolsista CAPES, e-mail: aliria.santos@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFMS, e-mail: katarini.miguel@ufms.br

Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Para tanto, no andamento da pesquisa será realizado o estudo de caso do portal *Modefica*, iniciativa fundada em 2014 que assume com pioneirismo o exercício de se dedicar exclusivamente ao jornalismo ecofeminista. O site se auto identifica como “uma organização sem fins lucrativos que produz e dissemina conteúdo multimídia sobre questões socioambientais a partir de uma perspectiva ecofeminista” (MODEFICA, s.p.). Desde dezembro de 2022, o portal suspendeu a criação de conteúdos por período indeterminado, mas o site e conteúdos anteriores permanecem no ar.

É importante frisar que, na elaboração do nosso projeto de pesquisa, não foram identificadas outras produções jornalísticas semelhantes ao *Modefica*. Ao mesmo tempo, as produções acadêmicas que se debruçam sobre o jornalismo ecofeminista também são escassas, o que evidencia a necessidade de desenvolver investigações que podem situá-lo como um importante pensamento para o campo.

Pelas conexões com as temáticas ambiental e feminista, esperamos que a produção jornalística ecofeminista tenha características em comum com o jornalismo ambiental e com perspectiva de gênero, como a diversidade de fontes, um olhar holístico, engajamento à causa, ar de denúncia, chamado à ação e busca por direitos. Aqui, nossa proposta é ampliar a discussão para fins de artigo, articulando o debate teórico com o que já foi possível visualizar em uma perspectiva prática, a partir da análise exploratória do site *Modefica*. Para isso, primeiro buscamos estabelecer um diálogo teórico entre características dos jornalismo ambiental e com perspectiva de gênero, assim como sobre o ecofeminismo. Em seguida, com base no referencial teórico aqui apresentado, elaboramos uma breve análise de quatro reportagens do site *Modefica* que se enquadram na produção jornalística ecofeminista para permitir a observação empírica das características apresentadas.

Diálogos entre jornalismo ambiental e com perspectiva de gênero

Ao se levar em consideração que o jornalismo especializado é aquele que se aprofunda em uma determinada temática por meio da apropriação de discursos, termos e expressões comuns a uma área do conhecimento (BUENO, 2015), é possível compreender que os jornalismo ambiental e com perspectiva de gênero se configuram

como especializações da práxis jornalística calcadas em uma série de pressupostos que os diferenciam e os configuram.

Em comum entre as especializações aqui abordadas estão questões como pluralidade de fontes, busca por um olhar holístico para as problemáticas abordadas, engajamento à causa, ar de denúncia, chamado à ação e busca por direitos. Há, portanto, a incorporação de valores, posicionamentos, linguagens e configurações específicas na construção desses conteúdos jornalísticos (GIRARDI et al., 2020), o que vai além do jornalismo que somente cobre pautas ligadas ao meio ambiente ou às mulheres.

O jornalismo ambiental se configura a partir do olhar para a relação sociedade-natureza, de modo a transversalizar o debate. Girardi (2018, p.21) ressalta que o mesmo é fundamental “para imprimir um olhar cuidadoso e comprometido com a defesa da vida em todas suas dimensões”. Já o jornalismo feminista, ou com perspectiva de gênero, alinha a produção jornalística com a busca por transformação social no que tange à vida das mulheres. Para alcançar tal objetivo, são feitas escolhas conscientes e intencionais na produção jornalística com intuito de educar, conscientizar, denunciar e incentivar a tomada de ações em prol de mudanças (RODRIGUES; AGUIAR, 2022).

O engajamento é uma característica que salta aos olhos em ambas as situações. Na produção jornalística, a presença de engajamento pode ser vista como negativa por ir de encontro à objetividade que, em tese, garante veracidade e imparcialidade ao jornalismo (RODRIGUES; AGUIAR, 2022). Entretanto, na prática, é possível afirmar que, como todas as formas de produção de saber, o Jornalismo é influenciado pelo contexto social, histórico e subjetivo de quem o produz. Assim, por se tratar de um produto social, “o Jornalismo reproduz a sociedade em que está inserido, suas desigualdades e suas contradições” (MEDITSCH, 1997, p. 11).

Elementos como a objetividade e imparcialidade passaram a ser tensionados tanto na rotina profissional quanto em pesquisas que propõem atualizações e novas formas de pensar (e aplicar) tais conceitos. Moraes e Silva (2019) discorrem sobre como tais pressupostos, que remontam ao pensamento iluminista, partem da interdição de subjetividades e perpetuam a ocorrência de simplificação, binarismo e positivismo, assim como de pensamentos coloniais que inferiorizam sujeitos tidos como “os outros” menos dignos: mulheres, negros, indígenas, demais povos colonizados e até a própria

natureza. O tensionamento desses pressupostos abre margem para a produção de um jornalismo engajado, que valoriza as subjetividades e as diferenças e que pode atuar em prol de efetivas mudanças.

Os jornalismo aqui apresentados também buscam se diferenciar daquele proposto e executado pela mídia hegemônica. Segundo Santos (2019), a produção dentro do jornalismo com perspectiva de gênero é necessária já que mídias tradicionais não são capazes de realizar uma cobertura complexa e que abarque as diversas realidades vividas pelas mulheres. É o caso de temáticas como violência doméstica e aborto que, quando tratadas no jornalismo convencional, recorrentemente acabam por fortalecer “ideias que foram construídas à revelia das mulheres, que não são ouvidas e sim representadas pelas instituições, reforçando assim um modelo de comunicação verticalizado de cima para baixo” (RODRIGUES; AGUIAR, 2022, p.8).

No que tange ao jornalismo ambiental, o desafio de comunicar o que é deixado de lado pelo jornalismo convencional se mostra ainda mais crucial diante da crise climática e ambiental em curso. Alicia Puleo (2017) destaca que a produção da mídia hegemônica pode dificultar o estabelecimento de conexão entre causa e consequência ao tratar o assunto de forma simplificada. Assim, também impede que atitudes prejudiciais sejam repensadas e soluções concretas viabilizadas.

Em ambos os casos, há também a busca por se incluir um olhar complexo, sistêmico e transversal às produções, de forma a abarcar causas e consequências. O intuito é superar a fragmentação do assunto e apresentar o seu “entrecruzamento com questões sociais, culturais, políticas, econômicas, históricas, entre outras” (GERN; LIMA, 2018, p.28) para permitir ao leitor apreender (ao menos parcialmente) a complexidade da questão apresentada. No caso do jornalismo ambiental, uma visão sistêmica seria considerar que “as pessoas, a natureza, o meio físico e biológico, a cultura e a sociedade estão umbilicalmente conectados” (BUENO, 2007, p. 34). Já no jornalismo com perspectiva de gênero, tal característica permite trazer luz às causas e consequências de situações vivenciadas por mulheres que, majoritariamente, advém de construções históricas e sociais impostas pelo patriarcado (OLIVEIRA; MIRANDA, 2021).

Há também a busca pela inclusão de múltiplas vozes envolvidas na pauta, de modo a “contemplar a diversidade dos saberes e não ser refém de fontes oficiais” (GIRARDI, 2018, p.19). Assim, é possível expor de maneira mais clara as conexões existentes, assim como superar a fragmentação e permitir a aproximação do público (GIRARDI et. al, 2012). Em conteúdos jornalísticos com perspectiva de gênero, a escolhas editoriais possibilitam mulheres “tanto como autoras quanto entre as fontes, ilustrações e imagens, estando presentes ainda nas escolhas dos temas e enfoques dos conteúdos” (COSTA, 2018, p.101). Tal prática possibilita “desenvolver nas mulheres o hábito de se olharem e se perceberem enquanto indivíduos capazes e hábeis para adentrar os espaços” (OLIVEIRA; MIRANDA, 2021, p.128).

A escolha de fontes plurais também é oportunidade para exercitar uma postura descolonial. Levando-se em conta que resquícios da dominação colonial se perpetuam por meio de estruturas mentais, epistemológicas e sociais, o que se reflete também na prática jornalística (LOOSE; GIRARDI, 2021), mostra-se essencial que os jornalismo invertam a “lógica do valor-notícia, trazendo a narrativa de pretos, pardos, indígenas, pobres, mulheres cis e trans, entre outras, outros e outres, para o centro do debate” (SILVA; AGUIAR, 2023, p.107).

As características em comum aqui apresentadas reforçam que há uma série de aproximações entre esses jornalismo e lutas. Também abre margem para o estabelecimento de uma produção jornalística que una as duas vertentes. Esta é a proposta do ecofeminismo, que afirma que há uma estreita relação entre a depreciação feminina e da natureza, tratamento que é fruto da dominação advinda do sistema patriarcal e capitalista. Um possível jornalismo ecofeminista pode dar visibilidade para problemáticas socioambientais vivenciadas com maior intensidade por mulheres e meninas, além de agir como fonte de denúncia, promover a reflexão e estimular ações práticas para alteração de cenários que ameaçam as mulheres e o meio ambiente.

Possibilidades jornalísticas por meio do ecofeminismo

O ecofeminismo serve como guia para a produção jornalística do *Modêfica*, portal que surgiu em 2014 e que se caracteriza como uma organização sem fins lucrativos que promove jornalismo ecofeminista, com ênfase na busca por justiça

socioambiental e climática. No entanto, antes de adentrarmos em uma breve análise exploratória da produção do site e na identificação de fatores que se relacionam com os pressupostos do jornalismo ambiental e feminista, é fundamental compreender o ecofeminismo em si.

Há entre as ecofeministas o reconhecimento de que as forças que marginalizam, dominam e oprimem a natureza são as mesmas que marginalizam, dominam e oprimem as mulheres. Tais forças são sintetizadas por Mies e Shiva (1997, p. 51) como um “sistema global patriarcal capitalista”, de caráter econômico-social-cultural. As autoras também reforçam que “esse sistema surgiu, é construído e se mantém por meio da colonização de mulheres, de povos “estrangeiros”, de suas terras e da sua natureza, que está sendo destruída gradualmente” (1997, p.51). É importante frisar que o ecofeminismo parte da premissa de que todas as formas de dominação possuem conexão e reconhece que as mesmas “estão ligadas à exploração de classe, ao racismo, ao colonialismo e ao neocolonialismo” (TORRES, 2009, p. 165).

A lógica do sistema patriarcal e capitalista vigente opera por meio de estruturas dicotomizadas e hierárquicas. Rodriguez (2012) evidencia que tal estrutura, que opõe cultura e natureza, homem e mulher, razão e emoção, Norte e Sul, local e global, tem origens que remontam à formação do pensamento moderno e iluminista. As ecofeministas afirmam que, nesta lógica dualista, uma das partes é “sempre considerada superior, sempre prosperando e progredindo às custas da outra” (MIES; SHIVA, 1997, p. 54).

Ao posicionar a natureza, a mulher e o “outro” em um grau hierarquicamente inferior aos interesses do homem e sua “racionalidade”, o sistema capitalista patriarcal aprofunda mazelas como a desigualdade social, a violência e a miséria. Além disso, legitima o comportamento predatório, irresponsável, autodestrutivo e desenfreado da humanidade diante dos bens naturais do planeta Terra.

O ecofeminismo também traz luz para um fenômeno recorrente nas mais diversas partes do mundo: a presença massiva de mulheres à frente da luta em defesa da natureza. Como enfatizado por Rodriguez (2012), observa-se que elas promovem diversas iniciativas de resistência à exploração indevida de bens naturais, assim como costumam agir em prol de alternativas sustentáveis para o meio ambiente.

Ao direcionar o olhar para a proximidade existente entre mulheres e natureza, é fundamental partir da premissa que tal relação não possui bases biológicas. Como reforça Torres (2009), este vínculo tem origem nas responsabilidades historicamente atribuídas às mulheres, em especial no espaço privado, que incluem tarefas domésticas e cuidados direcionados aos mais frágeis.

Alicia Puleo (2017) afirma que a proximidade histórica das mulheres com o cuidado da vida e do lar permitiu que as mesmas desenvolvessem maior facilidade para sentir e demonstrar empatia e atenção aos demais. É importante frisar que o intuito não é reiterar à mulher a questão do cuidado, mas compreender a origem de tal fenômeno, socialmente construído em um longo período histórico.

Para além do contexto histórico e cultural, quando estas características “se unem à informação adequada e a um olhar crítico para discursos hegemônicos, dão-se as condições para despertar o interesse das mulheres pela defesa da natureza e demais seres vivos” (PULEO, 2017, p. 110). Por fim, é interessante perceber como o patriarcado inferioriza justamente tais características, compreendendo-as como sinal de fraqueza, e engrandece atributos como distanciamento emocional e agressividade.

Um olhar jornalístico que perpassa pelo ecofeminismo pode ser fundamental diante das crises ambiental e climática que vivemos, causadas pela destruição desenfreada e exploração irresponsável de bens naturais. Levando-se em conta que o ecofeminismo almeja “um planeta mais digno e equânime para todas as pessoas, (...) onde haja respeito mútuo e valorização da natureza e a todas as formas de vida que habitam nela” (BEZERRA, 2020, p. 17), a perspectiva pode ser fonte de olhares marginalizados e soluções para os desafios que enfrentamos.

No cenário em questão, fatores como classe, raça e gênero também são determinantes para definir a intensidade com que eventos climáticos e desastres ambientais são sentidos. Como exposto por Alsalem (2022, p.23), as mudanças climáticas e suas consequências “afetam desproporcionalmente mulheres e meninas, em particular aquelas em situações vulneráveis e marginalizadas”, o que reforça a importância de enxergar a questão a partir de uma perspectiva ecofeminista.

Modifica: jornalismo ecofeminista na prática?

É com base no ecofeminismo que o site *Modéfica* afirma produzir conteúdos jornalísticos que abordam temáticas como crise alimentar e relação com mudanças climáticas, violência contra mulheres indígenas e subnotificação de toxicidade de pesticidas. Desde 30 de dezembro de 2022, o site suspendeu a criação de conteúdos por período indeterminado, mas o portal permanece no ar. Na justificativa para a pausa, destaca-se a necessidade de “identificar vácuos de atuação e temas subpautados para lançar luz aos desafios e fortalecer a agenda ecofeminista” (MODEFICA, 2022).

No jornalismo, entendemos que abordar as pautas sob uma perspectiva ecofeminista significa enxergar as especificidades das mulheres e de outros grupos marginalizados (sobretudo mulheres negras, indígenas, quilombolas, ribeirinhas e pobres) em relação aos problemas ambientais e climáticos, e vice-versa, considerando sobretudo a relação dialética entre as questões de reprodução social e os papéis de gênero com a Natureza. (MODEFICA)

Com intuito de elaborar o projeto da pesquisa no âmbito do Mestrado, em abril deste ano realizamos uma breve análise exploratória do conteúdo produzido pelo site ao longo de 2022. Foi possível notar que a produção jornalística do site possui características de um jornalismo alinhado às causas ambiental e feminista. Há grande presença de pautas que se distinguem da mídia tradicional, pluralidade de fontes e preferência por fontes mulheres, assim como engajamento, posicionamento claro, ar de denúncia, chamado à ação e busca por direitos. Além de receber doações de apoiadores, o *Modéfica* também se mostrava aberto para financiamento de fundação, instituto ou empresa, desde que as doações não fossem provenientes de grupos que gerassem conflitos de interesse, como indústria bélica, de combustível fóssil ou pecuária.

Para demonstrar com exemplos a possibilidade de diálogo entre jornalismo ambiental e com perspectiva de gênero que origine uma prática ecofeminista, selecionamos para análise as quatro reportagens multimídias que atualmente estão em destaque na página inicial do site, na seção ‘Especiais’. Vale enfatizar que as produções são todas feitas por mulheres, com utilização de recursos como infografias, galeria de imagens, mapas e vídeos. São elas: ‘Crise Climática e Fome: No Amazonas, insegurança alimentar grave atinge agricultura familiar’⁴, publicada em 18 de outubro de 2022; ‘No Escuro e Sem Água: Em Bailique, erosão, falta de Luz e Salinização do

⁴ Disponível em: <https://www.modéfica.com.br/inseguranca-alimentar-crise-climatica-mulheres/>

Amazonas se tornaram desafios permanentes⁵, publicada em 8 de março de 2022; ‘Mulheres Imigrantes na costura: A rede produtiva da moda em São Paulo sob uma perspectiva de gênero’⁶, de 3 de agosto de 2017; e ‘Processo de desertificação do Semiárido aumenta desafios de mulheres vivendo na região’⁷, publicada em 26 de outubro de 2021.

A reportagem ‘Crise Climática e Fome: No Amazonas, insegurança alimentar grave atinge agricultura familiar’ aborda a grave crise por falta de alimentos que atinge famílias agricultoras do Amazonas, em especial mulheres, consequência de uma série de fatores combinados, como o desmonte de políticas públicas e a ocorrência de eventos climáticos extremos. A matéria conta com recursos multimídias como infográficos com dados relevantes e mapas da região, além de galerias de imagens. O tema já evidencia a articulação entre perspectiva de gênero e questões socioambientais, assim como o engajamento a uma causa. Ao focar uma realidade do norte do Brasil, é possível observar a escolha por uma região e temática pouco exploradas pela mídia hegemônica, assim como de outras possibilidades de identidades da Amazônia (ou “Amazônias”, ao se considerar a diversidade existente) para além do exotismo e estereotipagem corriqueiramente existente. Outro ponto é a presença de um olhar holístico para o problema, já que a reportagem evidencia que a situação (a insegurança alimentar) é decorrente de uma série de causas interconectadas, em âmbito local, nacional e global. A matéria possui recorte de classe, gênero e raça, onde as mulheres negras ou pardas e pobres são apresentadas como as mais afetadas por desastres socioambientais. Ainda em consonância com o ecofeminismo, elas são evidenciadas como aquelas que resistem na luta pelo território e buscam por soluções para combater a insegurança alimentar. Outra característica é a presença de fontes plurais, assim como a priorização de vozes de mulheres. São entrevistadas quatro agricultoras da região, três delas quilombolas, além de uma agroecóloga que compõe movimento social, todas com vivências e idades diferentes. Por fim, o ar de denúncia é perceptível no desabafo feito pela agroecóloga que afirma que a região Norte é constantemente saqueada, com suas riquezas sendo

⁵ Disponível em: <https://www.modifica.com.br/bailique-no-escuro-sem-agua/>

⁶ Disponível em: <https://www.modifica.com.br/mulheres-imigrantes-costura-sao-paulo/>

⁷ Disponível em: <https://www.modifica.com.br/efeitos-clima-mulheres-seca-semiarido/>

extraídas, mas com pouco sendo devolvido para o povo. Também é observável nos relatos das quilombolas que afirmam ter suas vidas impactadas pelo desmatamento, assoreamento dos rios e uso de agrotóxicos na região.

Agora no Amapá, a segunda reportagem tem como título ‘No Escuro e Sem Água: Em Bailique, erosão, falta de Luz e Salinização do Amazonas se tornaram desafios permanentes’. No texto em questão, é abordada a situação de vulnerabilidade socioambiental vivenciada por ribeirinhos do arquipélago de Bailique. Ao longo do texto, são dispostos recursos complementares como infográficos e galerias de imagens. Assim como no texto anterior, aqui também é facilmente notável a escolha por um tema e região que saem do eixo de interesse da grande mídia, onde o Amapá e suas realidades poucas vezes costumam ter destaque. O tom de denúncia se faz presente no título da reportagem, ao longo do texto e na fala dos moradores locais, que lamentam as mudanças no rio Amazonas e a situação de abandono por parte do Estado. A visão ampla para a situação se configura por meio do estabelecimento de ligação entre causas e consequências de problemas que afetam a região, como erosão das ilhas e a salinização das águas. Por fim, há ainda a pluralidade de vozes e o espaço de destaque cedido às mulheres. São vozes de ribeirinhas diversas, de crianças a idosas, que vivem nas ilhas que compõem o arquipélago. A partir de seus relatos, é possível ter uma visão mais ampla e contextualizada sobre os diversos problemas vividos na região, mas também sobre a importância do trabalho coletivo e da resistência para proteger e permanecer nesse território. Nesta reportagem, ao contrário das outras, são entrevistados homens: pescadores, lideranças e pesquisadores que falam sobre o processo de erosão do arquipélago e de salinização das águas.

Da região Norte para o centro de São Paulo, a terceira matéria aqui apresentada é ‘Mulheres Imigrantes na costura: A rede produtiva da moda em São Paulo sob uma perspectiva de gênero’. A reportagem tem como enfoque a indústria da moda e, mais especificamente, debruça-se sobre a ocorrência de violações a direitos fundamentais de trabalhadoras do setor em fábricas localizadas em São Paulo, sendo que o contingente de profissionais é formado majoritariamente por jovens imigrantes bolivianas. Como no próprio título já fica evidente, o texto traz o recorte de gênero para a problemática, de modo a dar conta de especificidades vividas por essas mulheres, o que é pouco

explorado em materiais que falam sobre imigração ou a indústria da moda. Assim, também se evidencia a escolha distinta do que costuma ser produzido pela mídia tradicional. E, como o próprio texto explicita, quem melhor do que elas para falar sobre seus motivos, medos e experiências? Ao longo da reportagem, é explorado o relato de uma mulher boliviana que revela tanto sua história quanto situações vividas por outras imigrantes, as quais presenciou. São episódios de insegurança, violência, medo, controle e tantas que se acentuam quando há também o recorte de classe, raça e outros marcadores sociais. Mas há também relatos de resistência, da importância do apoio coletivo e da necessidade de estimular o conhecimento de outras possibilidades para essas mulheres. Aqui, são ouvidas profissionais como advogadas, psicólogas e assistente social que realizam trabalhos de atendimento a imigrantes e complementam por diferentes áreas do conhecimento aquilo relatado pelas imigrantes. Evidencia-se também o importante olhar holístico para os fatores envolvidos no complexo processo da imigração ao falar sobre motivações e problemas para além do senso comum. Por fim, fica também evidente o tom de denúncia, mas também o chamado para ações efetivas por parte do poder público e da sociedade civil. O texto reforça que o apoio não pode apagar a luta e mobilização já empreendidas pelas mulheres imigrantes na costura. Ao contrário, é necessário somar forças para se lutar com elas.

Na quarta e última matéria sob análise, somos deslocadas para o semiárido nordestino. Com o título ‘Processo de desertificação do Semiárido aumenta desafios de mulheres vivendo na região’, a reportagem evidencia como as mulheres são as mais afetadas diante de eventos extremos climáticos e, no caso, pelo processo que leva à desertificação da região, o que já evidencia a escolha por um tema que passa pela questão de gênero e meio ambiente. A matéria conta com recursos multimídias como infográficos com dados relevantes e mapas da região, além de galerias de imagens. No texto, as populações negras e as mulheres são apresentadas como as mais impactadas pelo processo que se desenrola no semiárido. Apesar disso, são as sertanejas que decidem lutar pela permanência na terra, buscando alternativas de renda e formas de resistência como a organização em coletivos. O contexto de desertificação, com ênfase para suas causas e consequências, é explicitado na matéria, o que configura um olhar holístico para a questão. Ainda no que tange a este olhar amplo, é importante frisar o

trabalho jornalístico para humanizar o assunto e ancorar o conceito de mudanças climáticas a uma realidade palpável. Outro ponto interessante que se conecta à característica holística da produção jornalística especializada é o esforço em evidenciar a interligação ecológica entre os biomas brasileiros: aquilo que acontece no Cerrado e Amazônia afeta diretamente a Caatinga e a vida que ali resiste. Para fornecer diversidade à reportagem, são intercaladas vozes de especialistas e das mulheres que vivenciam o relatado na prática: a agricultora familiar do sertão da Bahia; a liderança de organização que trabalha no Semiárido; a pesquisadora da Universidade Estadual da Paraíba que fala sobre a intensificação da seca e consequente desertificação a partir das mudanças climáticas; e a agricultora, mãe solo e chefe de família do sertão do Rio Grande do Norte. Por fim, há também o papel de denúncia que enfatiza que as condições dessas mulheres se agudizam pela falta de pesquisas e dados com recorte de gênero; pelos processos patriarcais enraizados na sociedade; e pela falta de políticas públicas e da presença do Estado na região. Como proposta final, a matéria reforça que é fundamental dar visibilidade para o que acontece com as mulheres do Semiárido nordestino, dando o devido crédito às lutas já travadas por elas.

Considerações possíveis

O presente artigo buscou trazer percepções iniciais sobre os diálogos estabelecidos entre os jornalismo ambiental e com perspectiva de gênero, trazendo evidências dessa práxis na experiência do *Modifica*, autodeclarado como jornalismo com perspectiva de gênero.

Ainda de forma bastante normativa, entendendo como uma especialização com características próprias como pluralidade de fontes, engajamento do/a jornalista, visão sistêmica, chamado à ação e busca por direitos, que refletem na concepção e desenvolvimento do produto jornalístico, nos atemos a uma análise exploratória dos conteúdos da seção de destaque disponível no portal, em um movimento inicial da pesquisa empírica.

O achado que salta aos olhos é o descentramento das pautas, focadas em outras localidades geográficas e com diferentes fontes mulheres, assim como a escolha por temáticas fora do eixo do que comumente é tratado pela mídia hegemônica. Em uma

produção feita essencialmente por jornalistas mulheres, também chama atenção o tensionamento na prática a conceitos como a objetividade e a imparcialidade. A partir da análise dessas quatro reportagens multimídias, também foi possível inferir que existem diversos paralelos entre a prática jornalística que perpassa pelo ecofeminismo e as características já estabelecidas nas especializações jornalísticas ambiental e com perspectiva de gênero, conforme trouxemos na discussão teórica.

Sabemos, contudo, da necessidade de ampliarmos as investigações para disputar um conceito ou um método de abordagem que caracterize (ou não) o jornalismo ecofeminista. Tal objetivo deve ser alcançado conforme a pesquisa que desenvolvemos ganhe contornos mais definidos.

Referências

- AGUILERA, J.; COLERATO, M.; PRESTES, M. Crise climática e fome - No Amazonas, insegurança alimentar grave atinge agricultura familiar. **Modifica**, São Paulo, on-line, 18 out. 2022. Disponível em: <https://www.modifica.com.br/inseguranca-alimentar-crise-climatica-mulheres/>. Acesso em: 11 ago. 2023.
- AGUILERA, J.; COLERATO, M. Mulheres imigrantes na costura - A rede produtiva da moda em São Paulo sob uma perspectiva de gênero. **Modifica**, São Paulo, on-line, 3 ago. 2017. Disponível em: <https://www.modifica.com.br/mulheres-imigrantes-costura-sao-paulo>. Acesso em: 11 ago. 2023.
- ALSALEM, R. Violence against women and girls in the context of the climate crisis, including environmental degradation and related disaster risk mitigation and response. **United Nations General Assembly**, Nova Iorque, 11 jul. 2022. Disponível em: <https://reliefweb.int/report/world/report-special-rapporteur-violence-against-women-and-girls-it-s-causes-and-consequences-reem-alsalem-a77136-enarruzh>. Acesso em: 3 jul. 2023
- BEZERRA, E. D. **Um olhar ao ecofeminismo a partir do pensamento de Vandana Shiva**; orientador Eduardo Harder. - 2020. 67 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, Matinhos/PR, 2020. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/69379>. Acesso em: 1 ago. 2023
- BUENO, W. C. Jornalismo especializado: resgatando conceitos e práticas. In: SANTOS, M.; BUENO, W. C. (Org.). **Jornalismo especializado no Brasil: teoria, prática e ensino**. Metodista: São Paulo, p. 279-301, 2015.
- BUENO, W. C. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 15, p. 33-44, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/11897>. Acesso em 2 jul. 2023.

COSTA, J. G. **Jornalismo feminista: estudo de caso sobre a construção da perspectiva de gênero no jornalismo**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Florianópolis: UFSC, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/193588>. Acesso em: 13 jul. 2023

GERN, A.; LIMA, M. D. V. Aprender e ensinar o Jornalismo Ambiental. In: GIRARDI, Ilza M. T.; MORAES, Cláudia H.; LOOSE, Eloisa B.; BELMONTE, Roberto V. (Org.). **Jornalismo Ambiental: teoria e prática**. Porto Alegre: Metamorfose, 2018. p. 25-38.

GIRARDI, I. M. T.; *et al.* Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental. **Comunicação & Sociedade**, São Paulo, v. 34, p.134-152, 2012. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/viewArticle/2972>. Acesso em: 10 jul. 2023.

GIRARDI, I. M. T. Um semestre muito especial: O surgimento da primeira disciplina de Jornalismo Ambiental. In: GIRARDI, I. M. T.; MORAES, C. H.; LOOSE, E. B.; BELMONTE, R. V. (Org.). **Jornalismo Ambiental: teoria e prática**. Porto Alegre: Metamorfose, 2018. p.13-24.

GIRARDI, I. M. T.; *et al.* A contribuição do princípio da precaução para a epistemologia do Jornalismo Ambiental. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 14, n. 2, 2020. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/receis/article/view/2053>. Acesso em: 10 de jul. 2023.

GIRARDI, I. M. T.; LOOSE, E. B.; BUENO, W. C. Afinal, o que é jornalismo ambiental?. **Nexo Políticas Públicas**, São Paulo, *on-line*, 07 jul. 2023. Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/ponto-de-vista/2023/O-que-%C3%A9-afinal-jornalismo-ambiental-1>. Acesso em: 11 ago. 2023.

LOOSE, E. B.; GIRARDI, I. M. T. Interfaces entre o debate colonial e os estudos de jornalismo ambiental. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 58, p. 319-333, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/355189653_Interfaces_entre_o_debate_colonial_e_os_estudos_de_jornalismo_ambiental. Acesso em: 12 ago. 2023.

MEDITSCH, E. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** Florianópolis, 1997. Disponível em: https://www.academia.edu/3269815/O_jornalismo_%C3%A9_uma_forma_de_conhecimento Acesso em: 16 ago. 2022.

MODEFICA. **Sobre**. Disponível em <https://www.modefica.com.br/sobre/>. Acesso em 16/10/2022.

MORAES, F.; DA SILVA, M. V. **A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora**. In: Anais do 28º Encontro Anual da Compós, 2019, Porto Alegre. Campinas, Galoá, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2019/trabalhos/a-objetividade-jornalistica-tem-raca-e-tem-genero-a-subjetividade-como-estrategi?lang=pt-br>. Acesso em: 08 jun. 2023.

OLIVEIRA, A. V. M. G. ; MIRANDA, C. M. **Jornalismo na perspectiva de gênero: olhares sobre a editoria In Her Words do jornal The New York Times.** COMUNICAÇÃO & INOVAÇÃO (ONLINE) , v. 22, p. 117-136, 2021.

PENHA, R.; AGUILERA J. No escuro e sem água - Em Bailique, erosão, falta de luz e salinização do Amazonas se tornaram desafios permanentes. **Modifica**, São Paulo, on-line, 8 mar. 2022. Disponível em: <https://www.modifica.com.br/bailique-no-escuro-sem-agua/>. Acesso em: 11 ago. 2023.

PULEO, A. ¿Qué es el ecofeminismo?. **Quaderns de la Mediterrània**, n. 25, p. 27-34, 2017. Disponível em: <https://www.iemed.org/publication/what-is-ecofeminism/>. Acesso em: 6 ago. 2023.

RODRIGUES, H.; AGUIAR, S. **Objetividade e engajamento no jornalismo feminista: uma convivência possível?** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 45., 2022, João Pessoa. Anais [...] São Paulo: Intercom, 2022. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0719202214294262d6ea0683de9>. Acesso em: 11 jul. 2023.

RODRIGUEZ, G. **Eco-Feminismo – Superando a Dicotomia Natureza/Cultura.** Planeta Fêmea. Rio de Janeiro, 2012. (mimeo biblioteca I. EQUIT).

SANTOS, L. A.; MIGUEL, K. G. Quando o jornalismo encontra o feminismo. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 21, n.39, p.171-183, 2022. Disponível em: <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/806>. Acesso em: 29 jul. 2023.

SANTOS, H. S. **Jornalismo e produção de conhecimento no movimento feminista: análise do Think Olga e Revista AzMina.** 185f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Faculdade de Arquitetura, Artes de Comunicação, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Bauru, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/190669>. Acesso em 2 ago. 2023.

SILVA R. S.; MARTINS, F. B. Processo de Desertificação do Semiárido aumenta desafio das mulheres vivendo na região. **Modifica**, São Paulo, on-line, 26 out. 2021. Disponível em: <https://www.modifica.com.br/efeitos-clima-mulheres-seca-semiarido/>. Acesso em: 11 ago. 2023

SILVA D. K. M.; AGUIAR, C. E. S. Jornalismo decolonial e a questão da interseccionalidade. **Revista Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, v.10, p. 94-108, 2023. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/21894>. Acesso em: 5 ago. 2023.

SHIVA, V.; MIES, M. **Ecofeminismo.** 1. ed. Belo Horizonte: Editora Luas, 2021.

TORRES, M. O Ecofeminismo: “um termo novo para um saber antigo”. **Terceira Margem.** Rio de Janeiro, n. 20, pp. 157-175, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/11043>. Acesso em 10 de ago. 2023.